

Dança
18, 19 de outubro 2013

Twin Paradox

de Mathilde Monnier

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Coreografia Mathilde Monnier **Música** Luc Ferrari **Cenografia e assistência artística** Annie Tolleter
Desenho e operação de luzes Éric Wurtz **Realização sonora** Olivier Renouf **Figurinos** Laurence Alquier
Bailarinos Cédric Andrieux, Marion Ballester, Julia Cima, Sonia Darbois, Guillaume Guilherme, Thibault Lac, I-Fang Lin, Felix Mathias Ott, Alma Palacios, Jonathan Pranlas **Direção de cena** Jean-Christophe Minart **Direção de som** Antonin Clair
Direção de produção e distribuição Anne Fontanesi **Encarregada de produção e difusão** Canelle Breymayer
Coprodução Festival Montpellier Danse 2012, Théâtre de la Ville, Paris, Triennale de la Ruhr 2012-2014, Charleroi Danses Centre Chorégraphique de la Fédération Wallonie Bruxelles, Centre Chorégraphique National de Montpellier Languedoc-Roussillon Estreado a 23 de junho de 2012 no festival Montpellier Danse 2012

O Centre Chorégraphique National de Montpellier Languedoc-Roussillon, dirigido por Mathilde Monnier, é subsidiado pelo Ministère de la Culture et de la Communication - Direction Régionale des Affaires Culturelles Languedoc-Roussillon, le Conseil Régional Languedoc-Roussillon, Montpellier Agglomération.

www.mathildemonnier.com

Na sexta-feira 18, após o espetáculo,
haverá uma conversa com a coreógrafa na Sala 1.

Sex 18, sáb 19 de outubro
21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h15 · M12

Penso a cena como um espaço neutro, sem nenhuma espécie de pátria, que a seu modo cria as suas próprias coordenadas, fora da geografia do mundo mas talvez ainda mais fora do tempo. E, no entanto, a cena tem sempre algo de verdadeiro, de vida verdadeira, forçosamente à beira do mundo real, do rumor do mundo, à beira da História e dos acontecimentos.

É nesta quase contradição, nesta suspensão e fricção simultâneas, que a dança acontece, com a sua duração própria, apátrida e portanto mesmo ao lado do mundo, espaço-tempo infinito que continua apesar de tudo e com que é preciso manter a relação: continuar a dançar aconteça o que acontecer, mesmo que o mundo nos caia em cima da cabeça.

Na indeterminação do palco aloja-se a própria essência da determinação: aquela em que é preciso insistir sempre, como se a dança fosse um último refúgio contra ou em face do meio; continuar custe o que custar, de todas as maneiras, espécie de linha avançada em que a dança se torna um alicerce, uma arma, um manifesto, mas que não reivindica mais do que a sua própria presença e, se o podemos dizer, a sua sobrevivência. Dançar apesar de tudo. Dançar depois de tudo.

A ideia é desenvolver o espetáculo como se assistíssemos a um *travelling* indifável em que o enquadramento fosse o palco e a paisagem o fundo de cena. Numa paisagem teatral que se assemelha a uma estrada alcatroada pelo tempo, se ainda há alguma coisa a fazer é persistir na dança, não como uma guerra mas como uma trégua.

A cenografia é uma passagem que cria um fora de campo constante. A cena é este tempo que se desfia mas é também o tempo dos cruzamentos e da transformação da dança. O palco é invadido, criando uma atmosfera natural sobre um lugar pouco materializado.

A dramaturgia é criada por uma escrita coreográfica do cheio e do vazio, ligada a noções de fluxo contínuo, crescendo, desenvolvimento de módulos gestuais, séries. Para esta pesquisa inspirei-me em várias fontes, materiais de trabalho mais do que formas dadas a ver mas que dão corpo ao tempo próprio da cena, à sua dramaturgia, a esta “insistência” da dança. Interessei-me pelo fenómeno das maratonas de dança dos anos 20 nos Estados Unidos, não pelo que representa historicamente mas pelo tratamento da duração, como um desejo de dançar sem parar até ao ponto em que a dança cria o seu próprio mundo e insiste em si mesma, e então desenvolve uma dramaturgia própria da duração (difração, repetição, círculo) que escapa ao tempo da realidade. Neste material o que está sempre a aparecer é a dança a dois, o duo, que é a figura recorrente deste trabalho. Aqui, trata-se de reinventar os amantes como uma primeira forma de comunidade, ao lado da grande comunidade humana. O par, portanto, o duo, que se abraça para se aguentar, para avançar, para representar, para sobreviver, mas também o par que se transforma, que se entrelaça, que dança. O par como primeira entidade da dança, como primeiro acorde rítmico.”

Mathilde Monnier

Cinco pares como que em levitação trinta centímetros acima do palco, suportados por um grade cor de madeira. Fora do mundo, fora do tempo. Durante quase duas horas só a dança conta, até à exaustão. Embora inspirado nas maratonas de dança dos anos 20 nos Estados Unidos, *Twin Paradox* tem uma motivação diferente. Aqui o transe é provocado pela própria pesquisa. Cada um(a) parece mergulhar nas suas recordações e nos seus pensamentos através das paisagens sonoras de Luc Ferrari. No fim perde-se a consciência, como se se deslizesse para a doçura dos sonhos, e é nesse momento que os intérpretes revelam todas as suas qualidades excepcionais. Estes pares não se afrontam mas experimentam toda a gama de relações entre bailarinos. Abraçam-se, sacodem-se ou agarram-se ao outro, ou então calcorreiam o espaço sem qualquer hierarquia. Monnier mostrou-se mais cunninghamiana do que nunca, seguindo a divisa do mestre: “é quando tem um ar desajeitado que um movimento começa a interessar-me”.

(...)

Thomas Hahn, revista *Danser*,
edição de setembro/outubro 2012

© Marc Coudrais



Que significa o título da sua peça.

Twin Paradox?

É um conceito da astronomia, muito simples, para explicar a velocidade da luz. Há dois gêmeos. Um deles vai à Lua e volta. No regresso, está mais jovem do que o que ficou na Terra. Encontro aí dois elementos que estão no centro da minha peça: por um lado a duração, por outro o duo, o par.

A sua peça fala do par na dança?

Nas minhas peças, as pessoas estão quase sempre sós, confrontadas com um questionamento político do grupo. Desta vez interessei-me por essa figura base da dança, o par, como uma afirmação muito simples e humana da necessidade do outro. Uma partilha do corpo a dois. Uma revelação do íntimo através do outro. E uma ajuda para resistir, para aguentar, para durar.

Quando fala de durar “apesar de tudo e depois de tudo”, pode explicitar apesar de quê e depois de quê?

A dança tem esta força muito particular de falar por si própria, de se representar a si própria, através de um corpo em ação. Dispensa o texto, e o pretexto. Trata-se de aguentar, aguentar juntos e com o público. É um tempo simplesmente presente mas que perdura, que se renova e se obstina. Os bailarinos só precisam de si próprios, dos seus corpos, que chegam para combaterem, convencerem, resistirem.

As maratonas de dança americanas de entre as duas guerras mundiais foram imortalizadas no filme *Os cavalos*

***também se abatem*, de Sydney Pollack.**

Esse filme é uma referência para si?

Essa conotação patética é específica desse filme. Não é correto colar essa dimensão trágica à minha peça. As maratonas de dança representam historicamente uma série de coisas apaixonantes. O desafio de dançar até aos limites do possível, de aguentar por aguentar, gera a produção de um vazio que tem qualquer coisa de beckettiano. (...)

Entrevista a Mathilde Monnier
por Gérard Mayen para o semanário
La Gazette, edição de 21 a 27/06/2012

© Marc Coudrais





Mathilde Monnier

Mathilde Monnier surpreende, a cada peça que apresenta, pela constante renovação do seu trabalho. A sua nomeação como diretora do Centro Coreográfico de Montpellier Languedoc-Roussillon marca o início de uma série de colaborações com personalidades oriundas de diversos campos artísticos. Da artística plástica Beverly Semmes ao filósofo Jean-Luc Nancy, passando pela cineasta Claire Denis, Mathilde Monnier não cessa de alargar fronteiras para alimentar um trabalho que é experiência antes de qualquer outra coisa. A criação musical ocupa um lugar de eleição nesse trabalho através das mais variadas colaborações, que vão da música erudita à música popular: o músico de jazz Louis Sclavis, os compositores David Moss e Heiner Gobbels, o pianista virtuoso eRikm. Apoia-se tanto na música rock de P.J. Harvey como no universo pop cor-de-

-rosa de 2008 *vallée*, que assinou com o cantor Philippe Katerine num final em beleza do Festival d'Avignon 08, na Cour d'honneur. Fascinada pela ideia do unísono, criou *Tempo 76* para o Festival Montpellier Danse 07 sobre música de György Ligeti. Em fevereiro de 2008, aceitou o convite da Orquestra Filarmónica de Berlim, dirigida por Simon Rattle, para coreografar a ópera *Surrogate Cities* de Heiner Goebbels. Nesta ópera sobre a cidade e as relações de poder que nela se estabelecem, participaram mais de 130 amadores. No mesmo ano, apresentou no festival Montpellier Danse 08 o dueto burlesco *Gustavia* que criou e interpretou com a coreógrafa e performer espanhola La Ribot. Em 2009, interessa-se por *A Morte do Cisne* e cria a peça *Pavlova 3'23"*, em que trabalha a ideia de uma dança do fim. Em 2010 cria em estreita colaboração com o pintor Dominique Figarella a peça *Soapéra*, e presta homenagem a Merce Cunningham no espetáculo *Un américain à paris*. Em 2011 cria *Nos images*, uma peça inspirada no cinema, com o coreógrafo Loïc Touzé e o escritor Tanguy Viel. Para o Festival Montpellier Danse 11, recriou, com Jean-François Duroure, dois duetos que tinham criado juntos em 1984 e 1985, *Pudique acide/Extasis*. Em 2012 criou *Twin Paradox*, peça para 10 bailarinos com música de Luc Ferrari, e *Objets re-trouvés*, para os bailarinos do Ballet de Lorraine. A sua última criação, para o Festival Montpellier Danse 2013, *Qu'est-ce qui nous arrive!?!*, foi uma colaboração com o desenhador François Olislaeger.

Mathilde Monnier esteve na Culturgest com *L'Atelier en pièces* (1997), *Les lieux de là* (2000), *Signé, signés* (2003), *Publique* (2005), *Tempo 76* (2008) e *Gustavia* (2009).



Luc Ferrari

Luc Ferrari, nascido em Paris em 1929, interessou-se pelos sons da vida quotidiana quando se exercitava no reconhecimento de modelos de automóveis pelo ruído que produziam. Em 1958, na sequência de estudos de análise musical com Messian, aprofundou esta paixão quando passou a pertencer ao Groupe (grupo de música concreta) e inventou a música "anedótica" (derivado da música concreta que consiste em pôr em evidência a fonte do som gravado) com *Hétérozigote* (1963) e a série de *Presque rien*. Em paralelo realizou as *Hörspiele* (composições radiofónicas, *L'Escalier des aveugles*, 1991), muitas das quais foram premiadas. Prolífico, abordou a

repetição com a série dos *Tautologos* (1961), compôs para instrumentos (*Histoires du plaisir et de la désolation*, 1979-1981), e dedicou-se à improvisação coletiva (*Impro-Micro-Acoustique*, 2004). Morreu em 2005 em Arezzo, na Toscana, e foi-lhe atribuído o prémio Charles Cros in Memoriam por ocasião da edição dos seus discos *Les Anecdóticos – Exploitation des concepts n°6* e *Archives sauvées des eaux – Exploitation des Concepts n°1*.



Cédric Andrieux

Cédric Andrieux iniciou o estudo de dança aos 12 anos, em Brest. Em 1993 entrou no Conservatório Nacional Superior de Dança em Paris, onde em 1996 obteve o primeiro prémio. De 1998 a 2007 dançou na companhia de Merce Cunningham e também para a coreógrafa Rose Anne Spradlin e participou na versão nova-iorquina de *Mauvais Genre* de Alain Buffard. Em 2007 regressou a França e esteve até 2010 no ballet da Ópera de Lyon, onde encontrou o coreógrafo Jérôme Bel, com quem criou o solo *Cédric Andrieux*. Em 2010 foi conselheiro artístico/coreógrafo do

filme *Les Bien-Aimés* de Christophe Honoré. Em 2011 começou um trabalho pessoal com Christophe Ives, de que resultou, em fevereiro de 2013, *Les Communs*, apresentado no Festival Artdhanté e no Collège des Bernardins, em Paris. Criou ainda projetos vários públicos amadores em Châteauroux, na Scène Nationale l'Equinoxe, em Munich, na Tanzwerkstatt Europa, em Vanves, na abertura de Artdhanté, e em Brest no programa Danse à Tous les Étages. Em 2012 participou na criação de Mathilde Monnier *Twin Paradox* e em 2013 foi conselheiro coreográfico da encenadora Jeanne Champagne na encenação de *La Maladie de la Mort* de Marguerite Duras.



Marion Ballester

Marion Ballester, formada no Centre National de Danse Contemporaine d'Angers, iniciou a sua carreira de bailarina em 1989 com Dominique Petit e logo de seguida trabalhou com Philippe Découfflé durante três anos, até às Cerimónias de Abertura dos Jogos Olímpicos de Albertville. De 1993 a 1998 trabalhou com Anne Teresa de Keersmaeker – Companhia Rosas,

de que se tornou uma das bailarinas centrais. Desde 1998 que cria as suas próprias obras (sob o nome Compagnie AoXoA) continuando paralelamente a sua carreira de bailarina e de professora independente. Seguiu, durante um ano uma formação no estúdio Trisha Brown em Nova Iorque, de onde regressou em 1999, mantendo até hoje a atividade de criação com a sua companhia. Em 2000 obteve uma bolsa da AFAA para um projeto entre Montréal e Nova Iorque, *Unconscious Landscape*, projeto de Dança-Escultura e Vídeo para quatro bailarinos inspirada na obra de Louise Bourgeois, e criou uma série de solos *Intimez-moi; 2002 Bord à Bord*. Em 2002 Anne Teresa de Keersmaeker convidou-a para assistente na criação de um solo para si própria intitulado *Once*. Mantiveram a colaboração em 2004 para a criação do dueto *Desh*, que esteve em circulação até 2007. No mesmo ano terminou o tríptico de solos *Trois solis pour Marion* resultado do encontro e colaboração com três coreógrafos: Osman Khelili, Benoît Lachambre e Odile Duboc. Também em resultado de encontros artísticos, foi intérprete de Stéphanie Aubin, Philippe Saire, Nicole Mossoux, Lionel Hoche, e assistente coreográfica da coreógrafa belga Michèle Noiret. Em 2010, Raimund Hoghe convidou-a para a criação *Si je meurs laissez le balcon ouvert*, a que se seguiu, em 2013, *Cantatas*. Assim como *Twin Paradox* com Mathilde Monnier, em 2012. Marion Ballester continua a aprofundar e desenvolver uma prática pedagógica com diversos públicos profissionais e amadores.



Julia Cima

Julia Cima trabalhou com Boris Charmatz de 1995 a 2007. Paralelamente, foi intérprete de Odile Duboc, Myriam Gourfink, Alain Michard, Gilles Touyard, Benoît Lachambre, Elisabeth Schwartz, Laure Bonicel e Mathilde Monnier. Em 2005 criou *Visitations*, espetáculo constituído por solos descobertos nos arquivos da Cinemateca da Dança de Paris, que escolheu e interpretou a solo. Circulou com este espetáculo, em França e no estrangeiro, até 2008, ano em que o autor e encenador Gildas Milin a convidou para intérprete da sua peça *Machine sans cible*. No seguimento deste trabalho, criou, com Denis Lavant, *Brut de lettres*, para o projeto Sujet à Vif, no Festival d'Avignon. Prosseguiu também a sua atividade de criadora individual: *Je suis enchanté* (2007), *Danse Hors-Cadre* (2009), *POEM* (2010), *Rings* (2012), *Conférence dansée sur le grotesque* (2012). De 2010 a 2012 dirigiu ateliês de movimento destinados aos alunos da escola do Théâtre National de Bretagne, dirigida por Stanislas Nordey. É artista associada do Triangle, Cité de la danse, em Rennes, durante a tem-

porada 2012/2013, e artista associada do projeto «Réso-danse (au bout du monde!)», que congrega várias cidades da Finisterra norte.



Sonia Darbois

Sonia Darbois, nasceu em 1984 em Aix-en-Provence e vive em Marselha. Começou a dançar com Josette Baïz no Groupe Grenade, onde participou em quatro criações entre 1998 e 2003. Depois dedicou-se ao estudo da matemática, regressando à dança em 2008 e seguindo uma formação profissional Extensions no CDC (Centro de Desenvolvimento Coreográfico) de Toulouse, onde encontrou Boris Charmatz com quem trabalhou em 2010 em *Levée des Conflits*. Foi igualmente intérprete de Mathilde Monnier, em 2011, na reposição de *Pudique Acide/Extasis*, e em 2012 na criação de *Twin Paradox*, e de Georges Appaix, em 2013, na peça *Univers Light Oblique*.

Guillaume Guilherme

Guillaume Guilherme, suíço-brasileiro, nasceu em Genebra em 1985. No segui-



mento de estudos de história de arte e de alemão, formou-se como intérprete de dança no Marchepied em Lausanne e na Coline em Istres, onde dançou a reposição de *Lieux de là* de Mathilde Monnier. De seguida participou no ciclo *Research* na escola P.A.R.T.S., e foi intérprete de Yvonne Rainer e David Zambrano. Em 2013, criou *UN NU*, solo para uma bailarina.



Thibault Lac

Thibault Lac estudou na École Nationale Supérieure d'Architecture et de Paysage de Bordeaux, e a seguir na P.A.R.T.S., em Bruxelas, de 2006 a 2010. Paralelamente aos seus estudos, dançou em *The Show Must Go On* de Jérôme Bel (2009) e foi assistente de Tino Sehgal

aquando da sua exposição no Museu Guggenheim (Nova Iorque, 2010).

Foi intérprete em *Little Perceptions* de Noé Soulier, *A Dance For The Newest Age* de Eleanor Bauer e *Zombie Aporia* de Daniel Linehan e dança na criação 2012 de Mathilde Monnier, *Twin Paradox*.

Participou com Trajal Harrel em diferentes apresentações do projeto *20 Looks or Paris is Burning at the Judson Church* e apresentou-se recentemente na sua criação para o MoMA: *Used, Abused and Hung out to Dry*.



I-Fang Lin

I-Fang Lin nasceu em Taiwan e vive em Paris desde 1989. Desenvolve a sua atividade de artista-coreógrafa na cena francesa e internacional. Colaborou com Mathilde Monnier, Christian Rizzo, François Verret, Emmanuelle Huynh, Didier Théron, Jacques Patarozzi, Pierre Droulers, Dominique Figarella, Katerine, eRikm, Rinôçérôse, Louis Scavis... Praticante do método Feldenkrais, dirige estágios em França e no estrangeiro, quase sempre integrando esta prática com a dança. Desde 2010

apoia artistas que desejam aperfeiçoar a sua presença de cena; o seu trabalho sobre a fisicalidade baseia-se na observação e na consciência do movimento.



Felix Mathias Ott

Felix Mathias Ott seguiu a profissão dos seus pais atores e trabalhou com eles desde tenra idade. Estudou dança contemporânea e cenografia na Alemanha e depois ligou-se ao universo coreográfico de Boris Charmatz, Maud Le Pladec, Mathilde Monnier e Yves-Noël Genod (*Felix, dancing in silence; Yves-Noël Genod; Vénus & Adonis; Hamlet; 1^{er} avril*). Em Berlim trabalhou com Krzysztof Warlikowski (*The Rake's Progress*). Participou em digressões de Caroline Deruas (*Les Enfants de la nuit*). Recebeu uma bolsa europeia de cinco anos para o prosseguimento dos seus próprios projetos e para apoio a produções ligando várias cidades europeias.

Alma Palacios

Alma Palacios nasceu em Paris em 1989 e interessou-se desde muito cedo pelas artes da cena, estudando dança con-



temporânea primeiro no Conservatório Nacional da Região de Paris e depois no Conservatório Nacional Superior de Música de Paris. Seguiu-se a admissão na P.A.R.T.S. (Bruxelas) onde estudou dança, coreografia e teatro durante quatro anos. Entre 2008 e 2011 recebeu a bolsa de estudo Migros de dança contemporânea. Em maio de 2012 estreou com Frank Verduyssen (cia. Tg STAN) *Mademoiselle Else*, um texto de Arthur Schnitzler. Em setembro de 2012 participou no *Tryangle Research Laboratory* n'O Espaço do tempo, em Montemor-o-Novo, Portugal. A partir de maio de 2012 trabalhou com a cia. 7 Pépinières na criação de *La chair du monde* e como intérprete de Guillaume Guilherme na criação em 2013 do solo *UN NU*. Iniciou a sua colaboração com Mathilde Monnier em abril de 2013, na reposição de um papel em *Twin Paradox*.

Jonathan Pranlas

Jonathan Pranlas diplomou-se em artes plásticas e em história das artes e prosseguiu os seus estudos na Université de Provence, estudando teatro e encenação. Iniciou a sua formação em dança em Paris e participou em numerosas



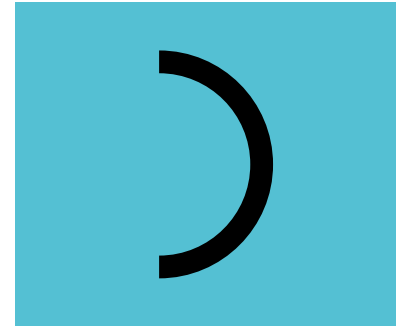
criações de coreógrafos europeus como Mateja Bucar (Eslovénia), Kostas Rigos (Grécia), Sebastian Prantl (Áustria) e Rebecca Murgi (Itália). Em 2006 continuou a sua em Bruxelas, na P.A.R.T.S. (dirigida por Anne Teresa de Keersmaecker). Trabalhou como intérprete em projetos como: *Inferno* de Romeo Castellucci, estreado na cour d'honneur do Festival d'Avignon (2008), *Dialogue 09* de Sasha Waltz, estreado na inauguração do Neues Museum de Berlim (2009), *Anyway no way of knowing* de John Jasperse, apresentado na Opéra de la Monnaie/Ars Musica (2010). Ultimamente tem trabalhado com a companhia SOIT, Hans Van Den Broek, sediada em Bruxelas e Alexandra Waeirstall em Dusseldorf. Desde 2011 que trabalha com Mathilde Monnier no CCN de Montpellier em diversas criações, repertório e reposições: *Pudique Acide/Extasis*, *Twin Paradox*, *Soapéra*. Desde 2012, colabora com Christophe Béranger, com quem coescreveu várias criações e fundou a companhia SINE QUA NON (www.sinequanonart.com). Há vários anos que ensina em estágios e cursos técnicos para diversos públicos, e dirige *workshops* em Itália, Bélgica, Congo, Marrocos e mais recentemente Taiwan, Etiópia e Benin.

Próximo espetáculo

Doclisboa 2013

11.º Festival Internacional
de Cinema

Cinema de qui 24 out a dom 3 nov
Grande e Pequeno Auditórios · 11h-23h



Organização Apordoc - Associação pelo Documentário

A 11ª edição do Doclisboa – Festival Internacional de Cinema decorre de 24 de Outubro a 3 de Novembro. Assumindo-se como uma plataforma que permite repensar o documentário nas suas implicações e potencialidades artísticas, políticas e sociais, o Doclisboa representa um lugar de convívio, debate e pensamento vivo, um espaço de proximidade e partilha entre o cinema e o público. As competições Internacional, Portuguesa e Investigações apresentam uma selecção dos filmes mais relevantes do último ano. A secção Riscos, comissariada por Augusto M. Seabra, debruça um olhar sobre o cruzamento entre o documentário e a ficção; Heart Beat explora a relação entre o cinema, a música e as artes performativas. Verdes Anos foca-se em autores ainda em formação num apelo à reflexão sobre o

ensino do documentário e Cinema de Urgência procura ver o cinema como acção directa em contraposição aos *media* tradicionais. Alain Cavalier é o realizador em foco, com uma retrospectiva integral inteiramente dedicada ao seu trabalho, em parceria com a Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema. *Moving Stills – Photography, Photographers and Documentary Film*, retrospectiva comissariada por Federico Rossin, apresenta um conjunto de obras que exploram a ligação entre cinema e fotografia. O Doclisboa assinala os 40 anos do golpe de estado que derubou o governo da Unidade Popular de Salvador Allende no Chile, com o foco: *1973-2013. O golpe militar no Chile: 40 anos depois*. Este ano é inaugurada a secção Doc Alliance, composta por filmes seleccionados pelos mais relevantes festivais de cinema documental da Europa. Apordoc (texto elaborado de acordo com a antiga ortografia)

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Estagiária:

Teresa Vaz

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Álvaro Coelho

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Graça Fonseca

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Inês Hipólito

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo

INSTITUT
FRANÇAIS